

UM OLHAR SOBRE A DIVERSIDADE - O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO DAS CRIANÇAS DE IMIGRAÇÃO BOLIVIANA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Silvana da S. Oliveira

UNINOVE- SP/ Bolsista PIBID

Silvia Regina S. Miranda

UNINOVE- SP/ Bolsista PIBID

Cintia Cristina de C.Mello

Prefeitura Municipal de São Paulo/ Bolsista PIBID

RESUMO

Este trabalho baseia-se na experiência vivenciada no decorrer do estágio na disciplina de Educação Física, pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em parceria com a Universidade Nove de Julho (UNINOVE), entre Março de 2015 e Maio de 2016, com as crianças do ensino fundamental I e II na escola EMEF Franklin Augusto de Moura Campos, localizada na cidade de São Paulo, e supervisionado pela Professora Cintia Cristina de C. Mello, tendo como objetivo abordar a diversidade no âmbito escolar. Com o olhar sob a participação das crianças de imigração boliviana nas aulas de educação física, buscamos entender o papel do professor neste processo de inclusão e integração dos diferentes grupos culturais visando à desconstrução de preconceitos. Diversos estudos apontam as dificuldades que estas crianças encontram no processo educacional, dentre elas em relação à socialização, à aceitação nos grupos e à interação durante as atividades propostas. A convivência com alunos de diferentes grupos culturais nos torna verdadeiros aprendizes, pois é através dela que podemos compartilhar nossos valores e medos. O processo de ensinar e aprender é constante quando sabemos respeitar o próximo, um aprende com o outro nos tornando sujeitos em constante transformação. Mas nos questionamos, será que os professores estão preparados para lidar com as questões do Multiculturalismo na escola? Quais são os desafios da prática docente em relação aos imigrantes bolivianos na escola? As dificuldades encontradas pelos professores de Educação Física Escolar, também são provenientes muitas vezes da falta de maturidade ao lidar com seus próprios sentimentos, ou a falta de um melhor preparo em sua formação. Para lidar com as questões conflitantes é necessário que ele se liberte de seus próprios preconceitos e perceba as especificidades de cada aluno, para isso se faz necessário uma busca

constante do conhecimento científico em sua área. É importante ressaltar que o professor deve se questionar sobre o tipo de cidadão que pretende formar. A discussão sobre o multiculturalismo no ambiente escolar requer muitos estudos e aprofundamentos em relação às temáticas do preconceito e da valorização das diferentes culturas, já que são fatores predominantes para que os indivíduos se relacionem de forma integral na sociedade. Sendo assim, o professor deve tornar-se mediador no ensino da diversidade, impulsionando o aluno a conhecer melhor as outras culturas que fazem parte da nossa sociedade e como elas foram produzidas, incorporando nas aulas de Educação Física atividades e práticas corporais que colaborem para a formação de cidadãos críticos, conhecedores de diversas raízes culturais, conscientes, livres de preconceitos, capazes de compreender as diferenças, construir cada qual sua própria identidade e perpetuar este pensamento crítico e transformador através dos tempos, favorecendo a construção de uma sociedade mais justa e menos desigual.

Palavras-chave: Diversidade; Imigração; Educação Física.

INTRODUÇÃO

A escola é constituída por uma grande variedade de crianças com diferentes culturas e costumes, que mesmo morando em um mesmo bairro possuem peculiaridades dentro do contexto cultural no qual foram formadas. Há crianças que podem ter vindo de qualquer parte do mundo, tendo assim que se adaptar a nova cultura na qual está inserida, buscando a convivência e aceitação em diferentes espaços de convivência. A escola é um dos espaços em que a criança busca sua própria identidade e este ambiente pode ou não favorecer o processo de adaptação e socialização, onde o aluno se depara com diferentes personalidades provocando assim diversas reações, dentre elas, de aceitação ou rejeição.

A diversidade humana é representada principalmente pela origem nacional, sexual, religião, cor, idade, raça, gênero, biótipos, e deficiências. Infelizmente, muitas pessoas ainda são excluídas por serem consideradas diferentes. (JESUS, 2005)

A dificuldade dos alunos a lidarem com as diferenças requer uma intervenção do professor para que eles possam compreender as diferentes culturas de uma maneira crítica, e sejam capazes de compreender a história e raízes destes indivíduos. As aulas de Educação Física Escolar (EFE) geram um ambiente favorável de grande interação entre os indivíduos, na qual podem ser trabalhadas novas expressões, já que nestas aulas

as crianças se expõem e por vezes geram mais conflitos e timidez, e acabam não se misturando com os demais colegas ficando em um núcleo de amigos da mesma nacionalidade ou que falem a mesma língua.

Quando falamos em inclusão, muitas vezes lembramos apenas das pessoas com algum tipo de deficiência, no entanto a escola deve abordar a diversidade humana em seus diferentes aspectos, por isso neste estudo será discutido as diferenças étnico-raciais a partir da imigração boliviana, com foco nas aulas de educação física.

Santos (2011) afirma que os termos inclusão/exclusão, diversidade e diferença, tão presentes na literatura científica e em nosso cotidiano estão intimamente ligados. Diversidade, como a autora aponta, pode ser considerado um termo-irmão da inclusão, pois encontra-se presente em nossa sociedade como um todo, fazendo com que, a partir da dinâmica da vida, nossas subjetividades e ambiguidades se mostrem como constituintes de nossas identificações e significações próprias, nos tornando diferentes e desta forma nos colocando suscetíveis a processos de exclusão.

Pelo viés da desigualdade, a exclusão é provocada quando nos relacionamos com o Outro (o diverso, o diferente) a partir do que este Outro tem para oferecer à sociedade dentro de padrões produtivistas, tão somente, e não pelo que se é (SANTOS, 2011, p.36).

Esta relação com o universo do outro nos torna verdadeiros aprendizes do ser humano, pois é através desta relação que podemos dividir nossos valores, medos, compreender o próximo e procurar se envolver com as diferenças. Esta relação para o mundo infantil é capaz de produzir grandes transformações, não pelo que ela pode nos oferecer, mas simplesmente pelo que são. O processo de ensinar e aprender é constante quando sabemos respeitar o próximo, compreender suas raízes e buscar um novo olhar no que se refere a diversidade.

E pensando nos diversos papéis que o professor de educação física pode exercer em sua profissão um deles é o desafio de lidar com esta diversidade, será que o professor está preparado para lidar com as diferenças? Quais são os desafios da prática docente em relação aos imigrantes bolivianos na escola?

Atuando como estagiárias do PIBID no ciclo I de uma escola municipal da Zona Norte de São Paulo, acompanhamos esta convivência dia a dia e foi possível perceber que realmente existem tais diferenças e cada sala tem sua particularidade, e entre elas formas distintas das crianças lidarem com as diferenças culturais. Observamos também que de acordo com a idade as atitudes mudam e as diferenças se acentuam, quanto mais

velhas as crianças se tornam mais críticas em relação às diferenças, nos parece que as crianças dos estágios iniciais do ensino fundamental ainda não tem a questão das diferenças bem enraizado, e por vezes percebemos que brincam com todos, e mesmo que tenham um grupo selecionado, não agem de forma discriminatória na mesma proporção que vão crescendo. Essas observações nos levaram a questionar como as diferenças são tratadas nas aulas de EFE, especificamente, como as práticas pedagógicas propostas pelos professores podem favorecer a construção de espaços mais coletivos e democráticos.

OBJETIVO

O objetivo deste estudo é discutir as diferenças culturais a partir do multiculturalismo, com o olhar sob as crianças de imigração boliviana nas aulas de educação física escolar, buscando entender o papel do professor no processo de inclusão e integração dos diferentes grupos culturais visando à desconstrução de preconceitos.

METODOLOGIA

Este trabalho baseia-se na experiência vivenciada no decorrer do estágio na disciplina de Educação Física, pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em parceria com a Universidade Nove de Julho (UNINOVE), entre Março de 2015 e Maio de 2016, com as crianças do ensino fundamental I e II na escola EMEF Franklin Augusto de Moura Campos, localizada na cidade de São Paulo

Para a discussão proposta, será utilizada a pesquisa bibliográfica, partindo das vivências e observações realizadas durante o estágio, as quais propiciaram o levantamento de temáticas importantes para a compreensão deste fenômeno. Assim, foram utilizados autores que tratam do multiculturalismo, dos conceitos de identidade e diferença, da imigração boliviana em São Paulo e da prática docente, por meio de livros, trabalhos acadêmicos (teses) e artigos científicos.

MULTICULTURALISMO CONCEITOS E PRECONCEITOS, O QUE ESTÁ POR TRÁS DA IDENTIDADE E DAS DIFERENÇAS?

De acordo com estudos feitos por Neira (2016, p.3) existem diversas correntes do multiculturalismo (conservador, liberal, plural, essencialista de esquerda e crítico), sendo que cada uma delas busca articulação com as políticas culturais e sinalizam seus

reflexos na prática pedagógica. Não nos cabe discutir cada uma delas aqui no nosso estudo, porém iremos nos basear na linha crítica. O autor buscou em seu estudo outros autores que se aprofundaram e expandiram o conceito de Multiculturalismo crítico e de acordo com o que encontrou:

(...) a teoria crítica está particularmente interessada em saber de que modo se produz a dominação, ou seja como se configuram as relações humanas nos lugares de trabalho, nas escolas e na vida cotidiana. Os teóricos críticos procuram conscientizar o indivíduo como ser social. (NEIRA 2016)

É necessário compreendermos como o multiculturalismo age nas classes sociais e nas relações de poder, para sermos mediadores destes conhecimentos colaborando assim para o desenvolvimento crítico dos alunos, para que eles tenham ferramentas para aprenderem a lidar com estas questões que tanto os incomodam e os impedem de conviverem uns com os outros de forma integral e proveitosa.

Abordar o assunto sobre multiculturalismo, diversidade e preconceitos no ambiente escolar é muito complexo, uma vez que os alunos com suas diferenças, sejam sociais, físicas, religiosas, étnicas, culturais, corporais etc. buscam suas identidades e ao mesmo tempo se deparam com diversas barreiras para chegarem ao objetivo único que é aprender, crescer e se tornarem jovens cidadãos, valorizados e respeitados cada qual com seu jeito.

Jesus (2005) cita também que quando os educandos dos mais diferentes estilos estudam juntos podem se beneficiar com os estímulos e modelos comportamentais uns com os outros. O ser humano necessita passar por este tipo de experiência para se desenvolver integralmente. A convivência na diversidade humana pode enriquecer nossa existência desenvolvendo, em variados graus, os diversos tipos de inteligência que cada um de nós possui.

É neste contexto que nossa percepção nos levou a questionar o porquê as crianças bolivianas se isolam e se sentem melhores entre as crianças da mesma nacionalidade. Observamos que as dificuldades que os alunos encontram em estreitar laços e conviverem com as diferenças no ambiente escolar geram muitos conflitos, porém observamos que nem sempre se isolam porque desejam estar sozinhos, mas geralmente a relação entre os amigos é conflituosa e preconceituosa, é aí que entra o papel do professor que deve criar estratégias para derrubar estas barreiras e repensar

uma forma diferente em trabalhar com todos de forma que minimize estas diferenças, e isto é um grande desafio.

Percebemos que para isso é necessário agir, não somente conscientizando a sociedade na convivência com a diversidade, mas compreendendo todo o contexto histórico que enraizou esta situação. Cada ser é único e precisa de direcionamento para que possa compreender o mundo ao seu redor e construir seus próprios valores.

Cada criança deverá ser vista como única, em um universo infinito de possibilidades, sem que se estabeleça, qualquer tipo de comparação, considerando-se que as diferenças são características evidentes de um indivíduo para o outro, e o educador tem o “mérito” de abrir e expandir o leque de oportunidades iguais para todas as características individuais, com ou sem deficiência, como objetivo de que cada um construa a sua pessoa e sua concepção de mundo. (BRASIL, 2003, p.30)

Segundo Gonçalves e Silva (1998) a educação multicultural é um direito de todos. Um de seus alvos mais imprescindíveis é de auxiliar todos os estudantes na obtenção de saberes, habilidades e posturas para uma ação efetiva e democrática dentro da sociedade plural na qual se encontram inseridos, de modo a facilitar uma maior e melhor interação entre os diferentes grupos, criando uma comunidade que trabalhe para um bem comum.

Neste contexto Canen (2007, p. 96) realça que “o multiculturalismo crítico focaliza não só a diversidade cultural e identitária, mas também os processos discursivos pelos quais as identidades são formadas”.

Nos parece que é através da busca desta identidade, que muitas crianças bolivianas se isolam com colegas da mesma etnia ou que falem o mesmo idioma pois encontram neste grupo sua identidade, provavelmente pela busca da segurança que o grupo pode proporcionar. Percebemos que muitas vezes eles acabam se excluindo dos demais e que nem sempre são os colegas que não querem fazer parte do grupo, eles mesmos acabam se isolando e não permitindo aproximação dos colegas de classe, talvez até como forma de defesa.

Para que a inclusão nas aulas de EFE seja mais efetiva, a participação do aluno deve ser de forma espontânea e de maneira lúdica, para isso, o professor deve apresentar diversas atividades da cultura corporal, de modo flexível, fazendo com que o aluno construa a sua própria identidade.

Neira (2016) reafirma que o início de um bom ensino é o que considera seriamente a vida dos alunos abrindo espaços para descobrirem as diferenças de etnias, classes sociais e gêneros das populações estudantis.

A identidade e a diferença estão diretamente ligadas a um processo de transformação social. De acordo com Silva (2009 *apud* VALENTE, 2012), a identidade é múltipla e dinâmica. Ela não nasce pronta e acabada, mas é construída. A identidade passa a ser construída na medida em que significados e representações são estabelecidos, permitindo que os indivíduos se situem nos diversos segmentos da sociedade.

Os sujeitos identificam-se com alguns elementos em determinado tempo/espaço/situação. Identificam-se com outros indivíduos. Silva (2009) salienta que a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções. As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença e, na verdade, a identidade não é o oposto da diferença, mas depende dela. A cada momento, “identidades sociais emergem, identidades reprimidas se rebelam, se afirmam, colocando em questão, deslocando, a identidade unificada e centrada do indivíduo moderno: macho, branco, heterossexual” (SILVA, 2001, p. 27 *apud* VALENTE, 2012).

Discutir o corpo enquanto elemento de construção da cultura e da identidade implica compreender as diferenças. A diversidade corporal permite entender o corpo múltiplo e plural e que, no espaço escolar onde este corpo está em movimento e em observação, não deve haver o domínio de um sobre o outro. (SKLIAR, 2003 *apud* VALENTE, 2012).

Para Oliveira et al (2014) partindo dessa perspectiva, poder-se-ia dizer que a EFE é um dos meios para desenvolver no aluno um pensamento crítico e reflexivo. A EFE é cercada por uma diversidade de atividades corporais que proporcionam a interação entre o professor e todos os seus alunos e que permitem através do corpo em movimento aprender sobre a diversidade. Assim, propõe-se que as aulas de EFE partam de uma premissa pautada em Educação Física Plural.

A Educação Física Plural deve abarcar todas as formas da chamada cultura corporal - jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas - e, ao mesmo tempo, deve abranger todos os alunos. Obviamente, que seu objetivo não será a aptidão física dos alunos, nem a busca de um melhor rendimento esportivo. Os elementos da cultura corporal serão tratados como conhecimentos a serem sistematizados e reconstruídos pelos alunos. (DAOLIO, 1996, p. 41 Oliveira et al 2014).

Entendemos, portanto, que a EFE através das práticas corporais e dos diferentes marcadores sociais que as circundam, é capaz de desconstruir preconceitos e construir novos olhares sobre as diferenças, e neste caso específico sobre as diferenças étnico-culturais, valorizando os diferentes grupos presentes no âmbito escolar.

A seguir abordaremos alguns dados importantes para a compreensão do processo de imigração e inserção das crianças bolivianas no sistema educacional paulistano, para posteriormente discutirmos a prática docente as propostas pedagógicas multiculturais com foco nestes grupos.

A IMIGRAÇÃO BOLIVIANA EM SÃO PAULO E A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NA ESCOLA

O que mais nos chamou a atenção no estágio para abordamos esta temática é a questão da imigração boliviana para a cidade de São Paulo. Nota-se uma concentração muito grande de crianças bolivianas nas escolas da zona norte, especificamente na escola onde estamos fazendo estágio existe um número considerável de crianças imigrantes principalmente vindas da Bolívia.

Segundo Oliveira e Bueno (2012) A presença de imigrantes bolivianos tem sido objeto de estudos, na medida em que, nesta última década, ocorreu um significativo incremento desse movimento migratório, tal como pode se verificar em estudo do IBGE (BRASIL,2011) em que se verifica que os imigrantes bolivianos passaram a ser a quarta maior comunidade de estrangeiros no Brasil, acompanhando o crescimento da vinda de imigrantes atraídos pelo crescimento econômico do país nos últimos dez anos, na medida em que o Brasil busca desempenhar o papel de liderança na América Latina.

A maior parte das pesquisas existentes sobre esse tema está concentrada nos estados do centro-oeste e norte do país; contudo, nos últimos anos tem se verificado o aumento da migração para a cidade de São Paulo, historicamente caracterizada pelo recebimento de imigrantes, o que justifica uma pesquisa nessa área nas escolas municipais dessa metrópole, já que existem aspectos muito específicos, novos desafios, pouco explorados nessa importante cidade do país. (OLIVEIRA e BUENO, 2012)

Porque o Brasil tem recebido tantas pessoas vindas de outros países, exclusivamente da Bolívia?

Segundo estudo feito por Silva (2014) isto é atribuído à situação socioeconômica da Bolívia. A América do Sul historicamente esteve marginalizada do resto do mundo,

ou seja, excluída do grupo de países que podem gozar dos bons índices de desenvolvimento social e econômico.

Em outras palavras, o continente sul-americano sempre sofreu com a pobreza e exploração feita pelos países do hemisfério norte, especialmente os da Europa. Como se não bastasse terem nascido num dos continentes mais desfavorecidos do planeta, os cidadãos bolivianos ainda têm que lidar com a dura realidade de pertencerem a uma das nações mais pobres da América do Sul. O país presidido por Evo Morales é um dos mais pobres do mundo. De acordo com Rossi (2005 apud Silva 2014), dois terços da população boliviana vivem em condições miseráveis. Além disso, os índices de desocupação são altíssimos. Muitos bolivianos que vivem nas regiões de campo, por não terem trabalho, migram para as cidades mais desenvolvidas da Bolívia, como La Paz, Oruro, Potosí e Cochabamba. Porém, Silva (2006) explica que, como percebem que até nas maiores cidades as condições são desfavorabilíssimas, resolvem ir para São Paulo, já que nessa cidade, o mercado da confecção oferece muitas oportunidades de emprego.

As pesquisas apontam para as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores e suas famílias no que tange a socialização, às condições de trabalho as quais se submetem, já que muitas vezes estão indocumentados no país que os "acolhe". (PEREIRA et al , 2012)

Segundo Magalhães (2010), desde 2004, meio milhão de bolivianos deixaram seu país, segundo estimativas do próprio governo. Migram para os Estados Unidos, Espanha, mas, quando não conseguem dinheiro suficiente para custear as despesas da viagem, países como o Brasil e a Argentina passam a ser a opção pela proximidade geográfica e linguística. Cabe ressaltar aqui que estamos diante de famílias que imigram, e, portanto, da presença também de crianças em idade escolar que passam a fazer parte do sistema de ensino brasileiro.

Após serem seduzidos por empresários bolivianos, coreanos ou brasileiros - do ramo da costura - que prometem emprego, bom salário e melhores condições de vida, os bolivianos, crenes de que finalmente tudo vai dar certo, partem para a capital paulista, metrópole brasileira onde a maioria dos imigrantes bolivianos vive. (SILVA, 2014)

Levando este contexto em consideração podemos explicar melhor o crescimento da população imigrante, e o aumento de suas crianças em nossas escolas. Muitos chegam aqui sem nem sequer falarem a língua portuguesa, e poucos são compreendidos pela sociedade e pelo ambiente escolar, sendo exigido deles as mesmas condições das

crianças daqui. Observamos que as crianças se reúnem na escola em grupos por vezes só com as outras da mesma nacionalidade, e muitas vezes apresentam dificuldades na aprendizagem, é nítido como nas aulas observadas a maioria se isola ou juntam-se em pequenos grupos de bolivianos(as), dificultando assim mais ainda a comunicação e integração destas crianças, mesmo o espanhol sendo uma língua bem trabalhada aqui no Brasil, eles encontram estas dificuldades.

E como trabalhar este contexto da imigração boliviana na Educação Física? Como inserir o tema do multiculturalismo nas escolas de uma maneira crítica, capaz de modificar a visão dos estudantes para que possam enxergar tais diferenças de uma maneira mais ampla e completa, e mostrar que as diferenças fazem parte do cotidiano, da nossa vida, na nossa família e em todos os lugares que passaremos, pois afinal ninguém é igual.

O sociólogo Boaventura Souza Santos define perfeitamente essa questão ao dizer:

Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades (Frase retirada da Declaração Universal dos direitos Humanos, 2009)

No estudo feito por Silva (2014) ele comenta que os alunos bolivianos parecem tímidos, retraídos, com pouca confiança e baixa autoestima, e que nas aulas essas características se acentuam, e sentem vergonha de se exporem corporalmente, evitando assim fazerem algumas atividades propostas. Conforme também conseguimos observar nas nossas aulas eles realmente se isolam, preferindo fazer as atividades em grupos de bolivianos e não se misturarem com os outros colegas, mas observamos também que não é regra, que também possuem crianças bolivianas que já se encontram bem integradas com as brasileiras, mas notamos que isso se dá ao fato de já dominarem a língua, ou já terem nascido aqui no Brasil.

Ainda segundo Silva (2014) a língua é um empecilho para a interação e comunicação com os brasileiros, segundo Magalhães (2013 apud SILVA, 2014), as diferenças linguísticas são um problema para os bolivianos dentro da escola. Como muitos não dominam ainda o português, encontram sérias dificuldades para compreender o que os professores falam. Além disso - o que parece mais grave - por

não conseguem se comunicar, eles não se relacionam com os alunos brasileiros. Dessa forma, pelos vários cantos da escola são formados grupos compostos somente por bolivianos, concordando com Silva (2014) que talvez eles ainda não se sintam preparados para estabelecer uma comunicação em português e se isolam, e preferem se privar das atividades para evitar o contato.

Com esta situação e por suas características diferenciadas, acabam sendo marginalizados e encontram dificuldades no convívio social e principalmente no escolar, que atinge as crianças que estão em fase de adaptação diante das mudanças de país, clima, educação entre outros fatores determinantes para a formação do cidadão.

No estudo de Pereira et al. (2012) ele diz que a questão da língua também é abordada em diversos trabalhos, já que se aparentemente o português, o espanhol e os dialetos falados na Bolívia seriam bastante próximos, o que se verifica é que para alunos em idade escolar, além das dificuldades próprias do processo de escolarização, a linguagem usada na escola geralmente difere duplamente da falada em sua casa, com sua família, tanto no aspecto formal quanto no conteúdo.

E como o professor deverá agir para minimizar este problema, já que a tendência é o crescimento destas crianças nas escolas?

Nesse sentido, de acordo com Oliveira e Bueno (2012) os trabalhos como o de Santos (2010), Uchoa (2010) e Benevides (2010) trazem importantes contribuições ao colocarem em questão a necessidade de um trabalho pedagógico intercultural e a consolidação e percepção da função social da língua espanhola, entendendo a necessidade da construção de um currículo multicultural crítico que acompanhe o processo educacional dos alunos bolivianos, de modo a superar a concepção preconceituosa e discriminatória que permeia a maior parte das instituições educativas, a fim de estabelecer o respeito ao outro e tudo que está inerente a ele: língua, identidade, história e cultura.

De acordo com Oliveira e Bueno (2012) a presença dos estudantes bolivianos nas escolas municipais de São Paulo impacta fortemente a dinâmica das diferentes relações no interior da escola, que recebe esses alunos inicialmente por força da imposição legal, mas que acaba criando mecanismos próprios para lidar com o estranhamento resultante do choque de práticas culturais, sociais, religiosas, linguísticas marcadamente diferentes que podem ser facilmente observadas apenas presenciando o contato entre os alunos que se dá em sala de aula e nos momentos de intervalo, de recreio.

De acordo com uma pesquisa feita por Oliveira e Bueno (2012), através da observação de diversos momentos vividos no interior da escola, tais como, sala de aula, espaços de recreação, entrada e saída de alunos vem demonstrando que as ocasiões de interação entre os alunos e alunas bolivianos e brasileiros são permeados frequentemente por manifestações explícitas e implícitas de preconceito dos alunos brasileiros em relação aos alunos bolivianos e da separação visível entre os grupos por país de origem.

Ainda segundo Oliveira e Bueno (2012) observamos também, por outro lado, através das falas de professores e gestores da escola que o desempenho escolar dos alunos e alunas bolivianos é bastante satisfatório em sua maioria. São frequentemente classificados como “bons alunos”, “muito educados”, “disciplinados” e, portanto, valorizados pelos agentes escolares. Com o desenvolvimento da pesquisa, a relação entre esses discursos será aprofundada e buscará verificar se uma das causas do preconceito dirigido a esses alunos tem também esse fator como uma das possíveis explicações sobre essa dinâmica.

Acreditamos que as aulas de Educação Física propiciam um ambiente bem sugestivo para trabalharmos com as questões culturais e sociais, tematizando as aulas de forma que os alunos possam desenvolver uma nova visão da humanidade, aprendendo a respeitar estas diferenças com base nas raízes culturais diversificadas, conhecendo as origens e motivos que geram o preconceito, para que a partir daí possam desconstruir suas representações, havendo uma mudança significativa de atitudes e valorização das diferentes culturas que podem vir a integrar o ambiente escolar.

Pontuados alguns dados sobre a imigração boliviana, as dificuldades e barreiras encontradas pelas crianças no processo educacional e o papel da escola neste processo, cabe aqui também discutirmos o papel do professor diante da inclusão destas crianças de modo a minimizar estas dificuldades e favorecer a construção de saberes e socialização de conhecimentos entre os diferentes grupos culturais.

O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A DIVERSIDADE, QUE SUJEITO FORMAR?

De acordo com Oliveira et al. (2014) é possível acreditar em mudanças significativas nas aulas de Educação Física e confiar na inclusão e no trabalho tanto dos professores, dos alunos, assim como de toda comunidade escolar. Para o autor, dessa

forma, concretize-se uma Educação Física plural, capaz de desenvolver um cidadão crítico, que interfira em seu meio modificando certas concepções e posturas de sua sociedade. Destarte, Gonçalves e Azevedo (2007, p. 202 apud OLIVEIRA et al 2014) nos mostram o papel da Educação Física enquanto formadora da criticidade do aluno, afirmando que:

A Educação Física tem um papel primordial na busca por concepções que visem à emancipação corporal e sua ressignificação, intermediados por um discurso crítico da realidade em que o indivíduo está inserido, não se portando como mera reprodutora, para que mudanças efetivas nos atuais paradigmas que norteiam o corpo possam ser concretizadas e, assim, combater os mecanismos de reprodução dos padrões estéticos referidos e conferir novas formas de interação entre o homem e seu corpo. (GONÇALVES E AZEVEDO 2007, p. 202)

Ainda segundo Oliveira et al (2014) ele diz que formar pensadores, sujeitos ativos socialmente, conhecedores e críticos da atual sociedade, torna-se mais do que um objetivo, passando a ser essencial na prática pedagógica do professor. Neste sentido, surge a necessidade de uma ressignificação do processo educacional como um todo, mas especificamente no âmbito da EFE por ser uma área tão negligenciada, partindo de uma perspectiva de inclusão social, compreensão do outro e respeito à diversidade, que se configuram em características tão acentuadas em nossas escolas.

No entanto, este processo de compreensão e valorização das diferenças culturais e de promoção da diversidade no âmbito escolar não é um processo natural, muito menos simples. Trata-se de um processo conflituoso, para alunos, professores e gestores, os quais precisam desconstruir preconceitos e reconstruir um novo olhar sobre o outro, revendo inclusive as propostas pedagógicas da escola e as práticas de seus docentes.

Na escola que estamos observando as crianças bolivianas, a professora de Educação Física procura ao máximo que elas se envolvam com os colegas. Porém, é encontrada grande resistência e por vezes as crianças acabam sempre brincando e formando grupos com as colegas da mesma nacionalidade. Observamos que as meninas são muito mais resistentes em se misturarem do que os meninos.

De acordo com Valente (2012) a diversidade e a diferença cultural presente no universo escolar e acadêmico permite novos olhares sobre a produção e a reprodução de estereótipos que afetam diretamente os atores envolvidos. A escola é um espaço de experiências, vivências. A Educação Física permite agregar valores, ideias, atitudes sobre o ser humano e suas relações. Para Skliar (2003, p.143 apud VALENTE, 2012)

“diversidade e diferença parecem ser termos similares, seus usos parecem ser os mesmos, seu caráter de representação da alteridade parece idêntico. Mas não o são.”

Para o autor:

A representação da diferença não deve ser lida rapidamente como um reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos, como diz Bhabha, na lápide fixa da tradição. Em outro sentido, e como sugeri anteriormente, as diferenças também não podem ser vistas como essências ou traços essencializados. (SKLIAR, 2003, p.146 apud Valente 2012)

A educação, na perspectiva intercultural, deixa de ser assumida como um processo de formação de conceitos, valores, atitudes, baseando-se numa relação unidirecional, unidimensional e unifocal, conduzida por procedimentos lineares e hierarquizantes. A educação passa a ser entendida como o processo construído pela relação tensa e intensa entre diferentes sujeitos, criando contextos interativos que, justamente por se conectar dinamicamente com os diferentes contextos culturais em relação aos quais os diferentes sujeitos desenvolvem suas respectivas identidades, torna-se um ambiente criativo e propriamente *formativo*, ou seja, estruturante de movimentos de *identificação* subjetivos e socioculturais. (FLEURI, 2003, p. 31-32)

Estudos de Rangel *apud* Pereira et al (2012) dizem que apesar da temática do multiculturalismo ter vindo a ser discutida com profundidade no âmbito da comunicação social e de áreas como a Sociologia, antropologia e psicologia, isso não vem acontecendo com a mesma regularidade na Educação Física, fato que é muito preocupante já que é na educação Física e nas vivências de Lazer que o universo do multiculturalismo está mais evidente, pois é onde os corpos estão mais em evidência, refletindo muitas vezes , a sua cultura.

O problema é que na maioria das vezes o próprio professor tem dificuldade em lidar com seus próprios preconceitos, não reconhecendo os mesmos, e age sem perceber com discriminação em suas aulas, dificultando muito o convívio entre as crianças e o processo de conscientização. É necessário que o professor reveja seus conceitos e faça uma reflexão de seu verdadeiro papel diante da capacidade de mudança de pensamentos opressores que cercam o meio escolar diante das diferenças.

Pereira et al (2012), entendem que é urgente alterar esta situação. A ideia de multiculturalismo, de pluralidade cultural, já deveria ser há muito tempo uma das grandes preocupações de todo e qualquer processo educativo. Mas para haver alterações significativas a este nível serão necessárias mudanças de postura e atitudes,

reformulações de currículos e envolvimento e empenhamento por parte dos professores. “A inclusão exige planos individuais de formação, uma focagem no individuo diferente, uma modificação criteriosa dos objetivos, das estratégias, dos conteúdos, das atividades e das formas de avaliação”. (MESQUITA; ROSADO, 2009, p. 30)

Antes de mais nada, é necessário não esquecer que a Educação Física, como componente curricular, encontra-se situada num contexto multicultural – a escola – e, sendo assim, seus responsáveis e os professores devem trabalhar em sintonia com as outras disciplinas, na questão do respeito pela diferença multicultural (RANGEL et al., 2008).

Relativamente à questão dos currículos, NEIRA (2009, p. 82) afirma que “se queremos mudar a sociedade, os currículos escolares terão que ser inevitavelmente modificados”. Defende a criação de um currículo multicultural da Educação Física com atividades escolares contextualizadas nas práticas sociais existentes e que facilite a apropriação dos elementos da cultura motora que fazem parte dos vários grupos sociais integrantes de uma sociedade. É, pois, necessário desenvolver um novo currículo, o qual deverá ser plural relativamente aos conteúdos que defende, bem como às estratégias de ensino aprendizagem que integra. (MESQUITA; ROSADO, 2009 APUD NEIRA 2009)

De acordo com Oliveira et al (2014) outra prática bastante interessante e promissora consiste em introduzir questões sociais para serem discutidas em sala de aula, este exercício pode ajudar e muito na formação do cidadão, fazer com que os alunos se sintam atraídos e posicionem-se de forma crítica por temas tais como: a diversidade, os problemas sociais, política, entre outros, é um passo primordial na formação social de qualquer sujeito. Esta formação além de proporcionar o desenvolvimento de um sujeito autônomo é transformadora de um pensamento social que corresponde no caso ao imaginário da sociedade oprimida, pois cada indivíduo que participa do processo de formação crítica passa a ver um novo contexto social, diferente daquele em que estava inserido. Os alunos dessa forma são atingidos por uma visão crítica e reflexiva da sociedade com a ajuda do professor.

Assim, a EFE estaria se reinventando rumo à inclusão. O professor como mediador nesse processo é de suma importância para a aprendizagem e formação do aluno enquanto sujeito ativo e transformador da sociedade. Torna-se imprescindível então o uso de uma pedagogia baseada na inclusão e compreensão da diversidade, para que tenhamos uma educação de fato para todos. (OLIVEIRA et al, 2014). Para o autor, a inclusão é um processo que deve estar envolto em todas as instituições de ensino, uma

vez que o mesmo envolve dinamismo, mudanças de atitudes e muita reflexão em torno da escola e da sociedade. Os profissionais da educação devem estar inteiramente atentos as suas práticas pedagógicas, não permitindo em hipótese alguma que aconteça o ato de desrespeito, preconceito e exclusões entre os alunos, portanto, esta interferência não fica a cargo somente do professor, mas sim de toda comunidade escolar.

O trato metodológico na educação física é diversificado e pode ser trabalhado de inúmeras formas a partir de abordagens que norteiam a EFE. Vale ressaltar que não existem abordagens pré-definidas para se trabalhar em sala de aula, a questão em si é como aplicar cada uma delas, de forma inclusiva e não discriminatória.

Acreditamos que as mudanças só serão efetivas quando todos os sujeitos do processo - professores formadores, professores e alunos - estiverem comprometidos com a questão. Enfatizamos assim, como nos aponta Nóvoa (1992 apud Basei e Filho2008) que é impossível imaginar alguma mudança que não passe pela formação de professores. Entendemos que pensar a formação de professores abrangendo uma perspectiva intercultural seria um passo importante para romper com a ideia de homogeneidade do ensino, possibilitando a compreensão dos alunos, de sua cultura de origem, criando estratégias para a prática pedagógica que visam atender aos interesses de todos os grupos presentes na escola. Nessa perspectiva ainda, a formação possibilitaria uma reflexão sobre a complexidade da sociedade atual e de questões nela presente, tais como: a diversidade cultural, a desigualdade social, o processo de globalização, suas causas e consequências para a vida dos alunos, entre outras questões.

A Educação Física na escola é um espaço de conhecimento, e o trabalho com o corpo e suas práticas pode ser plural. Os alunos trazem suas individualidades, suas formas de expressão e comunicação, que devem ser valorizadas no contexto escolar.

As dificuldades encontradas pelos professores de EFE podem estar relacionadas à falta de preparo e muitas vezes à falta de maturidade em lidar com seus próprios sentimentos. Ao lidar com as questões conflitantes à respeito das diferenças é necessário que ele se liberte de seus próprios preconceitos, medos e comece a ter um olhar diferenciado, perceber as especificidades de cada aluno. Demonstrar isso de forma clara e objetiva em suas turmas já é um grande avanço, pois as crianças costumam reproduzir o que veem, através de mudanças de atitude e conscientização é possível desconstruir os preconceitos e valorizar os saberes provenientes dos diferentes grupos.

Nesse sentido, conforme salienta Canen (2007), reforça-se o papel do educador como pesquisador constante de sua prática. Ele deve construir no seu cotidiano

perspectivas multiculturais que resultem em discursos alternativos, que valorizem as identidades, desafiem a construção dos estereótipos e recusem-se a congelamento identitário. É importante que o educador tenha consciência dos tipos de perspectivas pelas quais o multiculturalismo pode ser compreendido, bem como os objetivos multiculturais que se deseja alcançar. Nada impede que o professor faça uso de estratégias plurais e práticas, desde aquelas vinculadas a perspectivas mais folclóricas àquelas associadas a perspectivas mais críticas do multiculturalismo. (CANEN, 2007)

A perspectiva da interculturalidade sobre a diversidade e a diferença cultural presentes no universo escolar e acadêmico permite novos olhares sobre a produção e a reprodução de estereótipos que afetam diretamente os atores envolvidos. A escola é um espaço de experiências, vivências. A Educação Física produz e reproduz valores, ideias, atitudes para com o ser humano, seu corpo e suas relações. (VALENTE, 2012)

Há uma necessidade urgente de incorporar a formação de professores uma visão multicultural que possa ser traduzida em suas ações pedagógicas.

Nesse sentido Xavier e Canen (2005, p.336 apud Silva et al 2012) afirmam que:

Formar o professor multiculturalmente orientado implica, conforme temos argumentado, trabalhar em prol de um modelo de professor apto a compreender o conhecimento e o currículo como processos discursivos, marcado por relações de poder desiguais que participam da formação das identidades. Implica tensionar conteúdos pré-estabelecidos e pretensões a verdades únicas, procurando detectar vozes silenciadas e representadas nesses discursos curriculares, de forma a mobilizar a construção de identidades docentes sensíveis a diversidade cultural e aptas a formular alternativas discursivas transformadoras, desafiadoras do congelamento de identidades e estereótipos.

O que se propõe é que os educadores investiguem e recuperem as experiências dos estudantes, analisando seus saberes sobre as práticas corporais e as formas com as quais suas identidades se inter-relacionam com essas manifestações. O multiculturalismo crítico insiste que os professores aprendam a empregar essas experiências de tal maneira que sejam respeitadas por toda a coletividade. Contudo não se trata de simplesmente garantir a presença daqueles conhecimentos oriundos dos alunos no currículo. O que se defende é uma intervenção pedagógica que move os estudantes a olhar mais além de suas próprias experiências, seja qual for seu posicionamento no emaranhado da realidade. (NEIRA, 2016)

Ainda de acordo com Neira (2016) é papel do professor fazer com que os estudantes, os demais professores e os membros da comunidade tomem conhecimento delas à luz do poder dominador e da cultura hegemônica, pois um currículo

multicultural crítico permite que os estudantes percebam como suas próprias experiências constituem as formas de ver o mundo e de processar as informações e os professores devem atuar para que os alunos tenham um olhar para mudar as coisas de baixo para cima, tendo assim que compreender as relações de poder e de onde provém estas diferenças quem são os detentores de poder da cultura dominante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre o multiculturalismo no ambiente escolar requer muitos estudos para compreendermos as diversas correntes que abordam esta temática, porém acreditamos que o multiculturalismo crítico pode colaborar para uma maior compreensão da realidade escolar e possibilidades de transformação do quadro social.

Devemos buscar o desenvolvimento crítico dos estudantes a ponto de gerar reflexões sobre a sociedade em que vivem e entenderem o processo de dominação de certos grupos culturais e subjugação de outros, e lutar para que estas diferenças sejam suprimidas buscando a igualdade e a justiça.

A revisão do currículo é muito importante para haver uma mudança significativa em torno de práticas pedagógicas que dialoguem com as questões culturais, inserindo no currículo os saberes e conhecimentos advindos dos diferentes grupos culturais, compreendendo as diferenças como constituintes do nosso meio social.

Em relação a EFE, além de compreender as relações de poder que cercam as práticas corporais precisamos também buscar diferentes subterfúgios através do contexto histórico gerador dos preconceitos, encontrando as respostas na raiz do problema. A questão não está em respeitar e “tolerar” o outro, mas é através da conscientização, reflexão e contextualização das práticas com os alunos que será possível construir um novo olhar sobre a diversidade.

Para que haja uma significativa mudança de paradigmas devemos começar este processo desde a tenra idade, e as aulas de Educação Física por serem propostas em ambientes diversificados favorecem esta relação. É possível trabalhar com as questões culturais e sociais, tematizar as aulas de forma que eles possam desenvolver uma nova visão da sociedade, conhecer outras culturas, aprender a lidar com as diferenças e com a busca constante da própria identidade, gerando novas concepções de mundo e novas atitudes. Importante ressaltar que o professor deve se questionar sobre o tipo de cidadão que pretende formar, e se abster de qualquer tipo de preconceito que prejudique este

processo durante suas aulas. Sendo assim, o professor deve tornar-se mediador no ensino da diversidade impulsionando o aluno a conhecer melhor as outras culturas que fazem parte da nossa sociedade e como elas foram produzidas, incorporando nas aulas de Educação Física atividades e práticas corporais que colaboram para a formação de cidadãos críticos, conhecedores de diversas raízes culturais, conscientes, livres de preconceitos, seres humanos capazes de se relacionar com os indivíduos de forma integral, compreendendo suas diferenças, construindo cada qual sua própria identidade, produzindo sua cultura, perpetuando este pensamento crítico e inovador através dos tempos e capazes de construir uma sociedade mais justa e menos desigual.

REFERÊNCIAS

BASEI, A.P; FILHO,W. L. A interculturalidade na formação de professores: possibilidades de (re)significar as práticas educativas da Educação Física escolar. **Revista Digital - Buenos Aires** - Año 12 - N° 117 – fev. de 2008 .

BRASIL Ministério da Educação. Secretaria de educação. **Saberes e Práticas da Inclusão: Dificuldades de Comunicação e Sinalização? Deficiência Física Brasília?** MEC/SEESP, 2003.

CANEN, A. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. **Comunicação&política**. v.25, nº2, p.091-107,2007

CANEN, A; OLIVEIRA, A.M.A. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação**. n. 21. set-dez. 2002.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. UNIC / Rio / 005 - Agosto 2009. Disponível em: <http://www.dudh.org.br/declaracao/>. Acesso em 08 de Julho de 2016.

FLEURI, R.M. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 16-35, 2003.

GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. E. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos.** São Paulo: Autêntica, 1998.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2006.

JESUS, S.C. **Inclusão escolar e a educação especial.** UFJF. Set. 2005. Disponível em [:http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/04/artigo-2a8.pdf](http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/04/artigo-2a8.pdf).

KRUG, H. N. A inclusão de pessoas portadoras de necessidades educativas especiais na educação física escolar. **Revista do centro de educação.** N. 19, 2002.

MAGALHÃES, J. B. **Horizontes da Ética.** Porto: Edições Afrontamento, 2010.

MESQUITA, I.; ROSADO, A. O desafio pedagógico da interculturalidade no espaço da Educação Física. In: ROSADO, A.; MESQUITA, I. (Org.). *Pedagogia do Desporto.* Cruz-Quebrada: FMH, 2009. p. 21-38.

NEIRA, M.G. O Multiculturalismo crítico e suas contribuições para o currículo da Educação Física. *Temas em Educação Física Escolar*, **Revista do departamento de Educação Física**, Rio de Janeiro, v.q, n.q, jan./jun.2016,p3-29

OLIVEIRA, L; BUENO, J.G.S. **Estudantes bolivianos em São Paulo: desafios no processo de escolarização**, XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Nov. 2012.

OLIVEIRA, E.N; SILVA, F .O. ; ALENCAR, F.A.; FREITAS, F.A. O diverso e o diferente: para além da utopia. **Revista Redfoco**, Vol. 1, n.1, 2014.

PEREIRA, A.; ISAYAMA, H.F.; SILVEIRA, L.; CUNHA, C. **Educação física, lazer e multiculturalismo: sentidos e desafios**, *Licere*, Belo Horizonte, v.15, n.3, set/2012.

RANGEL, I. C. A. *et al.* Educação Física Escolar e multiculturalismo: possibilidades pedagógicas. **Motriz. Revista de Educação Física.** v. 14, n. 2, p. 156-167, 29 set. 2008.

SANTOS, M. P. RANGEL, M. **Inclusão, diversidade e diferença.** (Org.). Diversidade, diferença e multiculturalismo. Niterói: Intertexto, p. 23-42, 2011.

SILVA, A. M. N.; PRIMÃO, J. C. M.; ALEXANDRE, I. J. Multiculturalismo e educação: desafios para o educador. **Revista Eventos Pedagógicos** v.3, n.2, p. 291 - 300, Maio - Jul. 2012.

SILVA, O.O. A inclusão de alunos da comunidade boliviana nas aulas de educação física escolar no brasil, **Revista digital. Buenos Aires**, ano18, n^a188, jan/2014.

SILVA, K. R. X. ; BRITO, L.T.; SÁ,M. N.; SOARES, B.R.; OLIVEIRA, P. C. S. Refletindo sobre alguns sentidos atribuídos à inclusão em educação no espaço da disciplina educação física. **Seminário internacional de inclusão escolar**, 2014.

VALENTE, R.N. **Cultura do corpo e educação física:** diálogos interculturais, Universidade Católica Bom Bosco, Campo Grande/MS, 2012.